

Revista Filosófica de Coimbra

vol.11 | n.º21 | 2002

Miguel Baptista Pereira
Edmundo Balsemão Pires
Helder Gomes
Alexandre Costa
José Reis
Henrique Jales Ribeiro
Isabel Gomes

COMO E POR QUE SOBREVIVEM OS PRÉ-SOCRÁTICOS? *OS EXEMPLOS DE EMPÉDOCLES E HERACLITO*

ALEXANDRE COSTA *

A minha intenção com este ensaio consiste em explorar dois casos a que me tenho dedicado ultimamente, usando-os de modo que me dêem azo à abordagem de alguns temas relevantes no que diz respeito ao estudo da filosofia pré-socrática de um modo geral. Nota-se aqui uma certa ambição pedagógica de dar aos leitores, sobretudo aos estudantes universitários, uma visão um pouco mais detida acerca do exercício da filosofia na referida época, visto que é comum – até em função do tempo exíguo que os programas de filosofia antiga reservam aos filósofos pré-socráticos – tratar do conteúdo das suas filosofias sem considerar o ambiente em que surgem, como se propagam e por que sobrevivem.

Os casos aludidos referem-se à recente descoberta de novos versos de Empédocles e a um projecto particular que desenvolvi há pouco, a contextualização dos fragmentos de Heraclito. Através deles poder-se-á vislumbrar como as filosofias dos pensadores pré-socráticos atravessaram as épocas, ressaltando, inclusive, os meios de que dispunham para tal. Abordarei os casos isoladamente, esclarecendo primeiramente em que consistem, e em seguida pretendendo usá-los com o intuito de considerar primordialmente os seguintes aspectos:

- a circulação e a divulgação das ideias filosóficas no período pré-socrático
- estabelecimento de texto e tradição doxográfica
- tradição directa e indirecta
- sobrevivência *versus* apropriação.

* Doutorando em filosofia na Universidade de Osnabrück, Alemanha, e bolseiro da CAPES, Brasil.

Pese embora a natureza aparentemente «técnica» desses aspectos, é preciso observar que instauram importantes implicações filosóficas, como pretendo demonstrar conforme o desenvolvimento das minhas considerações.

Antes, porém, de proceder à análise dos referidos casos, torna-se necessária uma pequena introdução, visto que analisar a prática da filosofia no período pré-socrático remete ao próprio aparecimento da filosofia, considerando então como surge e se realiza.

Introdução

Salientar o parentesco inicial da filosofia com a poesia não é novidade alguma. Afinal, surgida num ambiente em que os poemas homéricos valiam como a referência cultural por excelência, a filosofia não lhe poderia ser independente, nem o seu advento poderia deixar de ser fortemente matizado pela poesia. Com efeito, é aí que a filosofia encontra a sua origem. E, se por um lado, constitui consenso a indicação formal de Tales de Mileto como o primeiro filósofo da história, ousa afirmar, por outro lado, que coube a Hesíodo, um poeta, formular aquela que me parece ser a primeira questão eminentemente filosófica ao perscrutar «como era no começo»¹. É quando o poeta se questiona pela origem dos deuses que se inicia a filosofia. Esta pergunta de Hesíodo, que pede para que lhe seja esclarecido como as coisas eram no começo, enfim, como surgiram e nasceram, é tão emblemática na qualidade de inauguradora da filosofia que lhe emprestou características essenciais que jamais viria a perder, a começar pelo facto mesmo de ser uma pergunta: o filosofar, desde o seu princípio poético, consiste em ter uma questão. Além disso, deve-se sublinhar igualmente o conteúdo da questão proposta, a pergunta pela origem ou princípio, um tema dos mais constantes e fundamentais à história da filosofia.

Proveniente da poesia, a filosofia herdou-lhe também um pouco da sua aparência. Não é mero acaso o facto de muitos autores pré-socráticos terem escolhido os versos como meio de expressão das suas ideias filosóficas. Mas não somente no que diz respeito à forma ou ao modo de escrever sentia a filosofia o «peso» da sua procedência; sentia-o igualmente no que tangia à transmissão do seu conteúdo. Se os poemas homéricos atravessaram os seus primeiros séculos sendo transmitidos oralmente de geração a geração, contando tão-somente com a memória e o testemunho do povo e com a actividade dos aedos, num cabal exemplo de propagação de boca

¹ *Teogonia*, vv. 105-110.

a ouvido, o mesmo aconteceu com os primeiros filósofos: foi principalmente através da divulgação oral que suas ideias circularam e ganharam todo o mundo grego, ultrapassando-o inclusive. Nesse sentido, é preciso frisar a vital importância dos discípulos e o papel das escolas na tarefa de disseminar o conteúdo da filosofia que elegiam: movimentando-se por toda a Hélade, ou mesmo para fora de suas fronteiras, faziam com que as ideias de que comungavam se alastrassem, contribuindo para a grande efervescência que a filosofia vivenciou nos seus primeiros séculos. De facto, foi na Antiguidade que a filosofia experimentou o seu momento mais eufórico. Em nenhuma outra época possuiu tamanha projecção social e jamais esteve tão próxima das pessoas quanto naquela altura, um tempo em que se discutia filosofia com o vigor, a frequência e a intensidade com que hoje se discute futebol nos bares e cafés.

E não só a dedicação extrema dos discípulos e a força de uma tradição oral de origem poética, que contava com o incrível lastro de perpetuar os hinos homéricos através de séculos, justificam a excelência da oralidade frente à escrita como meio de divulgação das ideias filosóficas nessa época, mas também um factor material: o difícil acesso ao papiro, o que dificultava seriamente a fixação dos textos. É bem verdade, contudo, que os filósofos já surgem preocupados em fixar as suas ideias, escrevendo-as imediatamente e dando-lhes a forma de um texto organizado. Tales, o primeiro deles, é o exemplo ideal desta disposição, uma vez que teria escrito dois tratados, a confiar no testemunho que nos foi legado por Diógenes Laércio². Entretanto, a já referida escassez de papiro impossibilitava que a escrita viesse a tornar-se o principal meio de propagação da filosofia. Com isso, a actividade dos copistas à época era bastante tímida e as «edições» de tais escritos, mínimas. Isto esclarece em muito por que todas as obras filosóficas do período pré-socrático compartilharam o mesmo destino: contando com poucos exemplares escritos, essas obras não tiveram como sobreviver ao verdadeiro colapso material e ao consequente esfacelamento cultural sofrido pelo mundo antigo já nos primeiros séculos da nossa era e perderam-se. Cabe notar que se inclui nessa derrocada do mundo antigo o desaparecimento das suas bibliotecas.

Eis então aclarada a circunstância que fez com que nós, hoje, só conheçamos os pré-socráticos através de testemunhos de autores mais tardios que, citando-os, nos forneceram a possibilidade de conhecer algo dos seus escritos. É também daí que provém o facto de só possuímos fragmentos das obras desses pensadores, sendo que tais fragmentos – porque citações

² I, 23.

– vêm a constituir testemunhos indirectos das suas obras. Ao conjunto desses testemunhos chama-se doxografia. Em suma: praticamente tudo o que se conhece dos filósofos pré-socráticos remonta, portanto, a uma tradição indirecta, uma vez que o corpo fragmentado das suas obras não nos chegou delas mesmas, mas sim de obras alheias, e consistem, assim, numa compilação realizada a partir dos mais diversos materiais doxográficos.

Os novos Versos de Empédocles

Recentemente, o filólogo Alain Martin e o filósofo Oliver Primavesi anunciaram num livro intitulado *L'Empédocle de Strasbourg*³ a descoberta de um papiro contendo 74 versos de Empédocles, sendo que 54 deles seriam inéditos. Um tal achado leva os autores à proposta de incluir esses novos versos no até então definitivo conjunto de fragmentos estabelecido por Hermann Diels em 1901⁴. O referido anúncio foi recebido pela comunidade científica com grande interesse e alvoroço. Reacção decerto justa, já que há muito não se assistia a um achado arqueológico que propiciasse tamanho contributo para a ampliação e enriquecimento textual da obra de um autor pré-socrático. Afinal, 54 versos constituem uma elevada soma para os padrões de extensão do que foi conservado dos filósofos pré-socráticos, mesmo que se trate de Empédocles, autor cuja obra vem a ser a mais bem conservada, ao lado da de Demócrito, dentre as do período em questão.

A repercussão desta grande novidade tornou-se ainda maior devido à revelação de que esses novos versos constituiriam um testemunho directo da obra de Empédocles. Ora, diante de uma tal afirmação estamos mesmo frente a um grande acontecimento. É preciso lembrar que não se conhecem testemunhos directos de nenhum autor pré-socrático de reconhecida relevância⁵. Aceitando-se como verdadeira a hipótese levantada pelos autores, tratar-se-ia de um caso absolutamente inédito: pela primeira vez extratos da obra de um filósofo pré-socrático teriam sido legados por meio de tradição directa, isto é, pela primeira vez os fragmentos de uma tal obra

³ MARTIN, Alain, PRIMAVESI, Oliver. *L'Empédocle de Strasbourg*. Berlim/Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1999/2000.

⁴ DIELS, H. *Poetarum Graecorum Fragmenta*. III/1. *Poetarum Philosophorum Fragmenta*. Berlim, 1901.

⁵ Uma possível excepção poderiam ser alguns fragmentos de Antifão de Atenas. Os demais casos conhecidos de tradição directa são tão insignificantes que praticamente não merecem consideração.

não teriam sido extraídos a partir de citações ou menções alheias, mas sim directamente de uma daquelas cópias da obra que circulavam à época.

Uma vez que estamos possivelmente diante de um acontecimento ímpar na história dos estudos de filosofia pré-socrática, convém examiná-lo com detida atenção a fim de que se possa ou não aceitá-lo como verdadeiro, o que me conduz primeiramente à necessidade de traçar um breve histórico da descoberta: em 1904 o arqueólogo alemão Otto Rubensohn compra em um antiquário em Achmim, Egipto, um papiro retirado de uma tumba encontrada numa necrópole da região de Panópolis; as investigações de Rubensohn apontam para o facto de o papiro ter sido usado como ornamento funerário em honra da respectiva múmia, tendo sido utilizado como base para uma coroa de cobre e ouro; Rubensohn, após catalogar o papiro e anotar suas características principais, vende-o à biblioteca de Estrasburgo no ano seguinte; o papiro permanecerá então 85 anos praticamente intocado até que em 1990 a biblioteca de Estrasburgo convida o filólogo Alain Martin para pesquisá-lo; quatro anos depois, Martin identifica o conteúdo do papiro, anunciando conter versos empedoclíticos; por se tratar de uma obra filosófica, Martin convida o filósofo Oliver Primavesi para auxiliar na prossecução da pesquisa; finalmente, os autores dão início, em 1999, à edição de um livro dando conta dos resultados finais da investigação, a saber, a já mencionada descoberta de 54 versos inéditos de Empédocles, bem como o carácter directo da sua transmissão.

Para bem compreender o caso em questão, é igualmente importante abordar o histórico do próprio papiro. Os autores alegam que a confecção do manuscrito data do primeiro século da era cristã. Este é, por exemplo, um dado que me serve privilegiadamente no intuito de usar este caso como ensejo para considerar o exercício e a divulgação da filosofia pré-socrática na Antiguidade. Afirmar que a confecção do papiro remonta ao primeiro século da nossa era, implica, primeiro, reconhecer que cópias da obra de Empédocles ainda circulavam pelo mundo antigo quase seis séculos após sua morte. Isto não é, contudo, nenhuma surpresa, uma vez que os especialistas no assunto acreditam que edições das obras pré-socráticas, posteriormente perdidas, teriam circulado com boa fluência até ao século V d.C., coincidindo, portanto, o seu desaparecimento com o próprio desmancho político, material e cultural do mundo antigo. Uma segunda implicação recai sobre o reconhecimento de que a filosofia da época, helenística, mantinha fortemente aceso o seu interesse por aquela que vinha a ser uma das suas matrizes, a do período pré-socrático. Por fim, cabe salientar ainda a dimensão e o alcance de uma tal circulação, visto que o papiro foi confeccionado por um copista no Egipto. Isto serve para que se evidencie o raio de acção das ideias filosóficas à época que, sendo eminen-

temente gregas, alcançavam os pontos mais distantes do mundo antigo; tratando-se de autores pré-socráticos, vale ressaltar não apenas essa sobrevivência à distância, mas também a sua sobrevivência ao tempo.

Outro aspecto interessante do histórico do papiro refere-se ao facto de ter sido reutilizado como atributo funerário por volta de um século após a sua confecção. Isto porque não se pode deixar de observar que as crenças e os costumes egípcios possuíam na sua forte tendência para reverenciar a morte uma das suas características essenciais, o que torna forçoso reconhecer a alta estima que um objecto deve merecer para poder ser utilizado como oferenda fúnebre a uma múmia, ainda mais quando se trata de um cadáver egresso da mais alta classe social, no que diz respeito à sua riqueza, poder e influência, como no presente caso. Num contexto como esse, a utilização de escritos de Empédocles como ornamento fúnebre em honra a uma múmia diz do alto apreço de que gozava a sua filosofia neste dado ambiente.

Realizada a contextualização acima, passo à análise dos aspectos que conduziram Martin e Primavesi às suas conclusões. O primeiro ponto relevante consiste em esclarecer como os autores identificaram no papiro versos de Empédocles. Analisando os seus 74 hexâmetros dactílicos, contínuos e homogêneos, no que diz respeito à grafia, estilo e conteúdo, Alain Martin logrou reconhecer no papiro versos empedoclíticos já conhecidos. Tal identificação faz-se e ratifica-se por meio de simples cotejo com o corpo de fragmentos até então estabelecido e adoptado como padrão. Não esquecendo de considerar que 54 desses 74 versos totais são inéditos, é sobretudo pelos outros vinte que se realiza a aludida comparação.

O próximo passo refere-se aos argumentos que fizeram com que os autores descartassem a hipótese de o papiro ser considerado material doxográfico. É importante observar que a eliminação da hipótese doxográfica exige que o papiro seja tratado como um testemunho directo da obra de Empédocles. São analisadas então três possibilidades doxográficas, a saber: o papiro conteria citações sucessivas; o papiro seria parte de um florilégio; e, finalmente, o papiro constituiria uma citação única e contínua. A simples escolha dessas três possibilidades merece dois esclarecimentos: *a)* outras possibilidades doxográficas não são consideradas pelo simples facto de serem eliminadas, já à partida, pela natureza e pelas características imediatas que apresenta o papiro, portanto, as três hipóteses examinadas são, de facto, as três únicas possíveis para o caso; *b)* ainda que outras possibilidades doxográficas estejam eliminadas já de início, as três aqui arroladas oferecem um bom painel a respeito da variedade de materiais doxográficos em uso naquela altura.

Posto isto, passo a relatar por que Martin e Primavesi preferiram desconsiderar todas as três referidas possibilidades doxográficas:

- 1) O papiro não poderia conter citações sucessivas pois não apresenta nenhuma «costura» nem comentários entre o que seria uma citação e outra. Trata-se, com efeito, de um argumento bastante convincente, uma vez que as séries de citações sucessivas conhecidas relativamente aos escritos pré-socráticos apresentam sempre e sem exceção breves comentários, palavras ou mesmo partículas gramaticais – tal como uma simples conjunção, por exemplo – a conectar uma citação à outra;
- 2) O papiro também não poderia ser um florilégio porque, além de o seu modo de escrita fugir à natureza típica dos florilégios, um florilégio dedicado exclusivamente a um único autor careceria de paralelos;
- 3) Por fim, elimina-se igualmente a hipótese de uma citação única e contínua em função de dois aspectos: *a)* a homogeneidade do papiro permite supor que nos revelaria – se tivesse sido descoberto em sua íntegra – os dois livros da *physika* de Empédocles. Isto exigiria que contivesse originalmente centenas de versos, o que seria demasiado para qualquer tipo de doxografia; *b)* mesmo que o papiro original não contivesse os dois livros da *physika*, ainda assim seria improvável tratar-se de uma citação única, visto que a citação mais longa de que se tem conhecimento já feita à obra de Empédocles contém apenas 34 versos.

Em face dessas argumentações, concordo claramente com aquelas que eliminam a hipótese das citações sucessivas e a hipótese do florilégio. Com relação a uma possível citação única e contínua, parece-me que se lhe impõem algumas reticências: o primeiro argumento, por exemplo, baseia-se numa suposição, a saber, a de que o papiro conteria todos os dois livros da *physika*, o que não passa de um pressuposto que, como tal, não possui a solidez e a veemência necessárias para a exclusão definitiva de uma hipótese; o segundo argumento parece-me igualmente frágil, pois uma simples questão numérica não pode servir como critério de avaliação; além disso, não importa que a citação mais longa que a obra de Empédocles sofreu contenha «apenas» 34 versos, quando Simplício citou, por exemplo, nada menos do que os 62 versos do Fragmento 8 de Parménides, número bem próximo dos 74 do papiro de Panópolis.

Creio que estas são objecções que não poderiam deixar de ser mencionadas. Ainda assim, não me furtarei a uma tomada de posição, mesmo que não totalmente convicta: parece-me apropriado afirmar que os autores estão certos em todas as conclusões a que chegaram. Entretanto, parece-me igualmente prudente não encerrar de todo a questão, uma vez que as

reticências que expus acima ainda permanecem sem resposta e vêm a ser, portanto, obstáculos a uma confirmação incontestada da interpretação de Martin e Primavesi.

A Contextualização dos Fragmentos de Heraclito e a Actualidade do Pensamento Pré-socrático

Havia dito inicialmente que a contextualização dos fragmentos de Heraclito me era um projecto particular. Reafirmo-o, elucidando que não há nenhuma edição dos fragmentos heraclíticos em que as suas sentenças estejam apresentadas juntamente com os textos que lhes servem de moldura. Foi a partir dessa carência que passei a dedicar-me a esse projecto, a fim de compreender melhor o que foi preservado da sua obra.

Antes de mais nada, é preciso perguntar por que é aconselhável contextualizar os fragmentos dos pré-socráticos. A primeira razão para tal parece-me recair sobre uma necessidade hermenêutica: considerando que as obras dos autores pré-socráticos nos foram legadas sob a forma de fragmentos, muitas vezes é preciso consultar o contexto em que são citados para que se possa compreender o próprio sentido do texto original. Na maior parte das vezes, a frase – ou a série de frases – do autor original só passa a ter sentido pleno quando inserida no contexto das suas bordas. Dessa forma, a contextualização dos fragmentos é um passo indispensável para a boa compreensão e interpretação dos mesmos, parecendo-me portanto constituir um procedimento que deveria ser observado como método hermenêutico inevitável a todo e qualquer estudo da obra de um filósofo pré-socrático que se pretenda apropriado.

Uma segunda razão refere-se ao conhecimento a respeito da tradição doxográfica do autor, o que nos permite contemplar a sua recepção através das épocas e assim evidenciar as nuances da sua sobrevivência ao longo do tempo. Dentre outras vantagens, a tomada de conhecimento a respeito da doxografia correspondente a um determinado filósofo pré-socrático auxilia-nos igualmente na tarefa de compreender e avaliar a projecção da sua figura e da sua filosofia junto ao seu público. Ler os comentários e os contextos que circundam as citações que originam os fragmentos enriquece vivamente o nosso conhecimento sobre a vida e a obra do autor a quem os nossos estudos se dedicam.

Ressalto, por fim, que a necessidade de contextualização dos fragmentos é um factor aplicável a todos os autores pré-socráticos, mas que me parece ser de especial valia para Heraclito. Porquê? Porque a maior parte dos fragmentos heraclíticos compõe-se de sentenças bastante curtas, algumas incompletas ou cheias de lacunas, sem contar o próprio estilo do filósofo de

Éfeso, um estilo conciso e directo não dado a explicações. Heraclito não argumenta ou desenvolve ideias: afirma-as. É justamente por causa desse estilo que a tradição achou por bem cunhá-lo de «o obscuro», alcunha decerto cruel com um pensador de tamanha luminosidade.

Conhecendo a tradição doxográfica de um autor, tem-se também acesso a uma questão de especial importância: saber em que medida a sobrevivência da sua filosofia depende da apropriação do seu pensamento, isto é, poder verificar até que ponto as citações à sua obra são feitas porque convenientes ao «citador». Metodologicamente, essa é uma questão das mais relevantes no que diz respeito à interpretação do conteúdo dos fragmentos, pois sabendo a origem filosófica do «citador» e o interesse que o move à obra de um determinado filósofo, torna-se viável identificar uma possível manipulação. Não são raros os casos em que o investigador é levado a desconfiar da imparcialidade da citação e, averiguando qual a natureza da pátina que o «citador» pode ter emprestado à sentença original, passa a ter meios de descontar tão bem quanto possível essa subtil forma de intromissão. No caso de Heraclito, o exemplo mais clamoroso de apropriação deve-se a Clemente. Dos muitos fragmentos por ele conservados emerge um Heraclito exortativo, austero e às vezes dogmático, caracteres perfeitamente compatíveis com o próprio estilo do doutrinador cristão. Aliás, as sentenças heraclíticas citadas pelo Alexandrino não raro exalam um odor cristão absolutamente inverosímil e anacrónico. Chega a ser curioso notar, por exemplo, que no seu comentário sobre o actual Fragmento XVIII de Heraclito, Clemente afirme que o Efésio teria parafraseado o profeta Isaías, numa mostra exemplar de como se servia das ideias de Heraclito e de como as subordinava sistematicamente à autoridade das Sagradas Escrituras.

É dessa forma que um passeio pela tradição doxográfica que estabeleceu o que nos restou da obra de Heraclito nos revela várias faces de um mesmo autor: dali emergem o Heraclito estóico, o neoplatónico, o cristão e assim por diante. Daí que o conhecimento crítico a respeito dessa referida tradição constitui um instrumento vital para a boa interpretação dos fragmentos, pois é ele que nos garante a capacidade de distinguir o joio do trigo, identificando assim os limites entre sobrevivência e apropriação de um pensamento.

A forma como as filosofias dos pensadores pré-socráticos sofreram as mais diversas apropriações configura, inclusive, um dos mais ricos exemplos a respeito da natureza e o papel do interesse no diálogo entre as épocas filosóficas, sendo que, por vezes, convém meter esse diálogo entre aspas. De qualquer modo, deve-se salientar que desde o seu início o desenvolvimento da filosofia dependeu desse imbricamento, factor que ao

mesmo tempo lhe garantiu a construção de uma tradição – uma história – da mesma maneira que possibilita a sua continuidade. É apenas através desse encontro, desse diálogo, com aspas ou não, que a filosofia dá os seus passos.

Chego então finalmente ao momento em que pretendo descrever o percurso trilhado pela obra de Heraclito, desde o seu surgimento até às recepções que a sua filosofia sofreu ao longo dos mais diversos períodos da história da filosofia. Relembro, porém, que esse é um caminho que só se me tornou possível perfazer a partir da contextualização dos seus fragmentos e que o usarei aqui com a intenção de continuar a versar a respeito do exercício da filosofia no período pré-socrático e o modo pelo qual se transmite.

Heraclito nasceu e viveu em Éfeso, Ásia Menor, território hoje pertencente à Turquia. Não se sabe ao certo as datas do seu nascimento e morte, embora seja costume fixá-las por volta dos anos de 544 e 474 a.C., respectivamente. Os fragmentos da sua obra, todavia, mostram-no mais associado ao século VI do que ao V. Neles figuram nomes como os de Xenófanes, Hecateu e Pitágoras, o que nos deixa entrever que Heraclito os tinha como uma espécie de «interlocutores», o que acaba por denunciar o tempo a que pertencia culturalmente, o século VI a.C., visto que todas essas personagens ajudaram a construir o universo filosófico e cultural do referido século.

É pois neste ambiente cultural que Heraclito escreveu o seu livro, supostamente retirado nas montanhas próximas a Éfeso. Actualmente não se põe mais em dúvida que o livro de Heraclito tenha realmente existido. Os temas de maior discussão e importância referem-se mais à sua circulação e divulgação na Antiguidade. Como de costume à época, Heraclito teria nomeado o seu livro de *PERI PHYSEÔS*, *Acerca da Natureza*. A exemplo das demais obras à sua contemporâneas, o livro do Efésio perdeu-se. Como já havia dito anteriormente, todos os escritos dos filósofos pré-socráticos pereceram em sua forma original, restando deles apenas fragmentos conservados através das mais diversas formas de citação e testemunhos. Lembro a propósito que a primeira obra filosófica realmente conservada tal como foi escrita é a de Platão. Esse fenómeno deve-se à gradualmente crescente propagação da obra escrita apoiada na actividade dos copistas. Platão já faz parte de uma época que se preocupa imediatamente com a fixação dos textos e com a sua conseqüente divulgação. Em contrapartida, os filósofos pré-socráticos não conheceram circunstâncias tão favoráveis. Para a disseminação das suas ideias a transmissão oral continuava a ser a principal via. A circulação de cópias do livro original apenas a secundava timidamente. De qualquer modo, tais cópias existiram e não há dúvidas de

que essas obras circularam pela Antiguidade até aos primeiros séculos da era cristã sob a forma de papiros.

Filósofos anteriores, coetâneos ou mesmo posteriores a Heraclito, desde que pertencentes ao período pré-socrático, contavam portanto com duas vias de difusão das suas filosofias: a maciça transmissão oral e a embrionária actividade dos copistas que resultava em raras «edições» dos seus escritos. No caso de Heraclito, a primeira dessas vias foi seriamente obstruída pelo facto de, primeiro, ter-se recusado a professar a sua filosofia e, por consequência disto, de não ter tido discípulos directos. Entretanto, sabe-se que os poucos que travaram contacto imediato com a sua obra trataram de propagá-la, oral e graficamente. Diógenes Laércio relata como a sua obra se tornou conhecida velozmente, a ponto de um grupo de «adeptos» – que muito provavelmente jamais teve contacto pessoal com aquele que seria o seu «mestre» – ter-se auto-intitulado «os heraclíticos».

Esses foram presumivelmente os primeiros responsáveis pela difusão da filosofia de Heraclito, que não tardou a cruzar as fronteiras das *póleis* gregas situadas na Ásia Menor. Pensadores como Empédocles de Agrigento e Demócrito de Abdera, praticamente contemporâneos de Heraclito, mostraram-se bem familiarizados com a sua obra. Não há como negar nos escritos do primeiro a indelével presença do pensamento heraclítico, embora a influência parmenídica seja ainda mais intensa. Em Demócrito, a influência de Heraclito é ainda mais forte e nítida. Por vezes tem-se a impressão de que alguns fragmentos do filósofo de Abdera não passam de paráfrases das sentenças de Heraclito. É absolutamente plausível que esses dois autores tenham ouvido muito a respeito de Heraclito e é mesmo bastante razoável que o tenham lido.

Aparentemente, não tardou muito para que o seu livro e as suas ideias chegassem a Atenas. Já nos meados do século V a.C., portanto logo após a morte de Heraclito, Eurípides teria apresentado o livro do Efésio a Sócrates, o que é bastante provável, já que o tragediógrafo é comumente apontado como o primeiro a possuir uma biblioteca particular. Há mesmo vários indícios de que a obra de Heraclito e o seu pensamento tenham passado a fazer parte das discussões do privilegiado ambiente intelectual da Atenas clássica. E pelo menos um desses versados atenienses proclamava-se um heraclítico convicto, Crátilo. Não é à toa, portanto, que o diálogo platónico que leva o seu nome pode ser considerado como dedicado a Heraclito. É sobretudo através desse diálogo que Heraclito sofrerá a célebre interpretação predominante até aos dias de hoje: o Heraclito mobilista do tudo flui» em contraste com o Parménides baluarte-mor do uno e do imobilismo.

Mas Platão também menciona o Efésio explicitamente no *Hípias Maior*, citando dois dos seus hoje conhecidos fragmentos; além disso, há ainda referências implícitas à sua filosofia no *Banquete* como também em outros diálogos. Isso não passou despercebido a Aristóteles, que afirmou expressamente o importante papel que o pensamento de Heraclito desempenhou no desenvolvimento de Platão como filósofo⁶. O próprio Aristóteles menciona Heraclito reiteradas vezes ao longo da sua vasta e diversificada obra, tanto que nos legou ao menos sete citações do seu livro tidas como legítimas. Para além disso, é incontestável a relevância da concepção heraclítica sobre a relação entre elementos antitéticos para a elaboração do princípio de não-contradição aristotélico.

Essas evidências dão a supor que autores como Platão e Aristóteles tiveram da filosofia de Heraclito mais do que um contacto transmitido apenas oralmente; eles tiveram também, muito provavelmente, a possibilidade de ler seu livro, e é mesmo plenamente possível que o tenham possuído. Não coincidentemente, foi justamente um discípulo directo de Aristóteles, Teofrasto, o primeiro a tentar sistematizar o pensamento e expor dados relevantes da vida de Heraclito. Infelizmente, a obra em que esse estudo se encontrava está tão perdida quanto o livro original do Efésio. Mas sabe-se, por outro lado, que serviu como base principal para os relatos anotados por Diógenes Laércio, e não apenas com relação a Heraclito, uma vez que essa obra de Teofrasto intitulava-se *PHYSIKON DOXAÍ*, algo como «opiniões dos filósofos naturalistas» e, por extensão, abordava as «opiniões» de tantos outros filósofos.

Tudo isso ajuda a mensurar a importância que a filosofia de Heraclito adquiriu já para aquele que poderíamos chamar o seu próprio tempo. A partir dessa época, a propagação do seu pensamento bem como a circulação do seu livro cresceram consideravelmente e alcançaram o período helenístico, difundindo-se pelos mais variados movimentos filosóficos que surgiram à época. Seria exaustivo e quase impossível listar os autores e obras que dele se ocuparam, tamanha a pluralidade de escolas e movimentos que caracterizou a época que se compreende desde o período helenístico até aos primeiros séculos da era cristã. A despeito dessa pluralidade, a filosofia de Heraclito foi sempre um tema constante e a sua obra acabou por angariar o patamar de leitura obrigatória e clássica durante todo esse período.

Em meio a toda essa aludida diversidade, três grupos merecem destaque: os estóicos, os neoplatónicos e os primeiros doutrinadores cristãos. É de todo invulgar a contribuição dos estóicos na divulgação da obra e do

⁶ *Metafísica*, 987 a 30 - 987 b 5.

pensamento de Heraclito já no limiar do período helenístico, a começar com o seu próprio fundador, Zenão. Os estóicos promoveram tanto a disseminação de Heraclito, que há diversas menções a «edições» estóicas do seu livro. Em função disso, o Efésio era a cada dia mais citado, parafraseado ou mesmo plagiado. Imensa parte desses escritos «heraclíticos» ou «heraclitizantes» acabaram por se perder. De qualquer forma, destacam-se dentre os estóicos que conservaram citações autênticas de Heraclito autores como Ário Dídimo, o imperador Marco Aurélio e Séneca. Isto sem contar Plutarco, comumente apontado como filósofo platónico mas de facto uma figura de difícil classificação. Apesar de ter escrito alguns tratados contra os estóicos, assemelha-se-lhes pelo teor moral dos seus escritos e pela natureza da sua formação; por outro lado, porém, em função da sua simpatia e admiração pela filosofia platónica, aproxima-se um tanto do que viria a ser o neoplatonismo. Estes também contribuíram decisivamente na circulação e perpetuação das ideias heraclíticas. Se citarmos apenas aqueles que conservaram sentenças de Heraclito consideradas legítimas, temos de contabilizar nada menos que seis autores: Numénio, Calcídio, Jâmblico, Plotino, Porfírio e Proclo. O terceiro grupo é formado pelos autores cristãos dos primeiros séculos. Não é preciso dizer muito para comprovar a inestimável contribuição que legaram para o conhecimento da filosofia e obra de Heraclito. Basta apenas evidenciar que Clemente, Hipólito e Orígenes, apenas esses três, são responsáveis pela conservação de nada menos do que 47 fragmentos.

Todos os indícios levam a crer que esses autores deviam possuir uma cópia do livro de Heraclito ou a ele tinham acesso fácil e privilegiado, tamanha a desenvoltura com que se movimentam nesse terreno. O próprio facto de o citarem por vezes de memória pode indicar uma leitura detida e assídua da obra. Kahn estima que cópias do livro de Heraclito, mantendo a sua forma original, podem ter circulado até ao século V da era cristã e diz ter argumentos suficientes para afirmar que ao menos Plutarco, Clemente, Marco Aurélio e Plotino possuíam a sua própria cópia, embora não se detenha a expor tais argumentos⁷.

Perante essa conjuntura, chega a ser surpreendente o posterior desaparecimento total dessas cópias, contendo supostamente a versão integral do livro do Efésio. O caso só não é uma excepção por terem encontrado o mesmo destino as obras de todos os seus contemporâneos. O conhecimento que temos dos filósofos pré-socráticos baseia-se unicamente em citações,

⁷ KAHN, C. H. *The Art and Thought of Heraclitus*. Cambridge/Londres/Nova Iorque, Cambridge University Press, 1979, p. 5-6.

menções e testemunhos feitos por autores que lhes são posteriores, o que a história da filosofia e os estudos de filologia clássica houveram por bem designar de «tradição indirecta». Esse dado depõe a favor da veracidade de dois factos: *a)* por mais que obras filosóficas anteriores a Platão possam ter circulado com desenvoltura em períodos tardios da Antiguidade, essa circulação jamais atingiu o nível de divulgação das obras escritas a partir de Platão; e *b)* sendo assim, essa circulação não foi suficiente para sobreviver à autêntica falência cultural e material sofrida pelo mundo antigo, com o conseqüente desaparecimento das suas principais civilizações enquanto civilizações antigas, tais como Grécia, Roma e Egipto.

De facto, a partir do século VI assiste-se a um decréscimo na importância da filosofia de Heraclito para a própria história da filosofia. É praticamente no esquecimento que ele atravessará toda a Idade Média e mesmo o princípio da Idade Moderna. Nesse período é mais comum encontrá-lo nas representações pictóricas de um dos motivos mais recorrentes à época: a figura do choroso Heraclito em contraposição ao risonho Demócrito. Até o nosso padre António Vieira teve oportunidade de tratar desta temática por ocasião de uma disputa de retórica em Itália da qual saiu vencedor, defendendo então justamente o lado de Heraclito. É bom frisar que essa «imagem» surgiu já na Antiguidade mas tornou-se tema usual da pintura europeia nos períodos medieval e moderno.

Por outro lado, sempre existem as exceções e foi através delas que seis fragmentos do actual corpo heraclítico foram estabelecidos em plena Idade Média por dois léxicos e três autores, a saber, em ordem cronológica: *Etymologicum Magnum*, Suda, Teodoro Prodromo, Tzetzés e Alberto Magno. Alguns aspectos interessantes devem ser observados nessa breve relação: *a)* o *Etymologicum Magnum* data do século IX, o que indica que entre ele e as citações mais tardias anteriores a ele – as de Estobeu, justamente no século V – decorreram quatro séculos inteiros sem que houvesse uma única citação da obra de Heraclito que tenha vindo a ser considerada posteriormente como autêntica; *b)* nessa relação, tanto os léxicos quanto os autores são bizantinos, à excepção de Alberto Magno, o que ilustra o célebre afastamento entre a Europa medieval e o mundo antigo; *c)* reforçando esse aspecto, Alberto Magno é justamente o mais tardio desses autores, de modo que se fosse excluída a colaboração bizantina, nada menos que oito séculos separariam as citações de Estobeu da de Alberto.

De qualquer forma, é Alberto Magno quem encerra o ciclo das citações. A Idade Moderna inaugura a busca histórica pelas sentenças de Heraclito dispersas nas mais variadas obras, tentando pela primeira vez compilá-las em um único volume. Nesse ponto, o pioneirismo coube a Henricus

Stephanus, que com seu *Poesis Philosophica* publicado em 1573 veio a ser o primeiro a agrupar sistematicamente alguns fragmentos de Heraclito, mesmo que poucos, juntamente com outros de Demócrito e de outros autores não tão relevantes. Outras edições do mesmo carácter seguiram-se a essa, mas foi somente no século XIX que filólogos da estirpe de Schleiermacher e Bywater reuniram uma quantidade significativa dos fragmentos de Heraclito e com isso lograram os primeiros grandes resultados nesse terreno, dando início e impulso a um desenvolvimento que culminou com as sucessivas edições de Diels, já no começo do século XX, para os fragmentos de diversos filósofos pré-socráticos. O volume dedicado exclusivamente a Heraclito foi publicado em 1901. Os fragmentos ajuntados nessa edição valem até hoje como padrão do corpo heraclítico. Há sempre querelas em relação a este ou àquele detalhe do estabelecimento do texto, tema de que se ocupam as edições dos fragmentos de Heraclito posteriores à de Diels até aos dias de hoje. Mais tarde, esse conjunto de fragmentos foi inserido na obra *Fragmente der Vorsokratiker*, de modo a figurar ao lado dos demais filósofos da época.

Se os séculos XIX e XX foram prodigiosos em termos filológicos no que concerne à redescoberta da obra de Heraclito, não foram também menos ricos no âmbito estritamente filosófico: no século XIX, o pensamento de Heraclito reapareceu com força total, readquirindo inestimável importância para a filosofia, tornando-se assim, porque não?, novamente «contemporâneo». É dessa forma que ele influenciará decisivamente as obras de Hegel e Nietzsche e, posteriormente, já no século XX, a de Heidegger, distinguindo-se, através dessas influências, pela actualidade da sua filosofia.

E essa actualidade dá-me então ensejo a uma reflexão final a respeito do estudar a filosofia pré-socrática: é nela que reside o elemento que nos permite estudar os pré-socráticos livres da pecha do vão historicismo, livres do peso de se nos imputar um saber empoeirado. Não tem real valor, portanto, a pergunta que tantos se fazem como argumento para descartar o estudo de tão remota disciplina, interrogando «porque estudar algo tão distante, tão distinto da nossa realidade?», quando tudo depende, de facto, de como nos aproximamos deles, depende, pois, da nossa capacidade de extrair dali a vitalidade que guardam. Este deve ser, por sinal, um raciocínio aplicável a toda e qualquer filosofia, de qualquer época ou ordem. Pois a filosofia de um determinado autor começa e existe na questão que nos suscita ou na própria questão que nos move a ela. É somente assim que a filosofia sobrevive: porque vive, respira.

E, para concluir, gostaria de mencionar uma passagem de *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger, em que se diz: «logo que um homem nasce, ele já é

velho o suficiente para morrer»⁸. E o mesmo se dá com a filosofia: tão logo nasce, assume o risco de desaparecer. Mas, ao contrário do homem, e conquanto seja autêntica, mantém-se, paradoxalmente, jovem o suficiente para luzir de novo. Daí que, em certa medida, toda a verdadeira filosofia é sempre contemporânea posto que sempre dará o que pensar.

⁸ «Sobald ein Mensch zum Leben kommt, sogleich ist er alt genug zu sterben» in HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1993.